

CRÍTICA SOBRE A FORMAÇÃO DA IDEOLOGIA DE SUBMISSÃO FEMININA: EM ESPECÍFICO OS ESPAÇOS PÚBLICOS

Heloisa Silva Alves

Universidade Federal da Paraíba

Heloisa_silvaalves@hotmail.com

A temática sobre o universo feminino cada vez mais se torna alvo de debates, construções e desconstruções no cenário social. O trabalho em questão, diverge para as perspectivas atuais do papel social da mulher, tendo em vista uma construção fundamentada em composições históricas que ao decorrer do tempo vão se adaptando à novas ideologias e acompanhando o processo de produção capitalista. Agregando as expectativas impostas para as mulheres desde momentos primórdios, é visto que sua aceitação social é imposta por determinados padrões pré-estabelecidos, o que intriga um papel generalista de submissão em diversos aspectos, pondo-se assim a um novo momento de discussão sobre a temática. Aplicado no cenário do espaço público, o texto discute o isolamento das mulheres no corpo social, tal concepção evidência a sublimação cultural patriarcal sobre os corpos femininos, o qual deveria ofertar a subjetividade individual de cada uma, em como identificar seu papel social. Com base nisso, inicia-se uma discussão sobre medidas em que essa cultura opressora é inserida em várias áreas da sociedade, desde a religião ao comércio, contribuindo para a repressão e assim mantendo um controle social generalista, produzindo consequências da mulher em âmbitos coletivos e no seu individual psicológico, causando receios, traumas e a negação de sua própria individualidade feminina.

Palavras-chave: Feminina, Mulher, Ideologia.

Introdução

O seguinte artigo tem como tema uma crítica sobre a formação da ideologia de submissão feminina: em específico os espaços públicos, em que primeiramente aborda o quesito da formação de ideia da objetificação da mulher, levando como consequências atuações de posse arbitrárias, em seguida a introdução da intelecção do que ideologia em a partir de quais ideias ela é produzida e de como ela se denota, pois a atuação da submissão é vigente em diversos lugares e de diversas maneiras. Sendo assim o trabalho objetivou visar e enfatizar a formação do patriarcado, contribuindo assim a agregar conceitos que levam a perceber que a submissão existe em determinadas situações, atribuindo assim a mulher para a sua imposta posição social.

Como abordagem, o artigo pressupõe a compreensão de um grupo social, em específico as mulheres, se torna pontual porque a submissão no cenário social vem a direcionar sua linha de pesquisa para um grupo em especializo. Como resultado do artigo, enaltecer a voz que a mulher tem, para lidar com a impertinência dessa temática, em que abrange além de uma

simples atuação de machismo, mas sim, a forma em que essa pertinência afeta vítima, a qual não se deve ocultar ou conformar.

Desenvolvimento

Abordando a expectativa da submissão em diversas vertentes, vê-se que a pertinência desse assunto é real. Podendo definir iniciar a discussão abordando o lado da submissão, sendo algo a tornar-se na condição de obediência e subordinação, vendo assim que é uma imposição. Logo incorporando à temática principal, se vincula a submissão imposta pela sociedade de um modo geral, para a mulher, independente da idade e classe social, a mulher sempre será exigida a cumprir determinados padrões de vida, a qual se vivencia diariamente e todos os âmbitos. A submissão é um reflexo de todo um fundamento construído ao longo do tempo, sua ideologia se torna cada vez mais fomentada e empoderada por mídias, livros, crenças e na família. Vê se que para se alcançar o resultado da formação ideológica desse retrato da submissão feminina, é necessário saber de todo um processo de concretização dessa abordagem, uma ideologia vai além de uma única definição, ela apresenta diversas vertentes por diverso olhares, é necessário abranger os fundamentos para que se possa chegar a um denominador comum.. A partir da reflexão através do texto: o que é ideologia, de Mariela Chauí, em que a ideologia é algo mais complexo do que o simples fato de conceitualizá-lo como uma forma de agregar ideias dominantes para subordinar alguma classe, sociedade ou grupo específico. Com base na referência citada, somou de maneira explícita a oportunidade de ter uma abrangência melhor sobre a terminologia, pelo fato de que ao mesmo tempo que uma ideologia tem tamanho poder sobre determinada sociedade, seus vazios são falhos, pois em uma ideologia nem tudo se é mostrado, sua fragilidade facilmente pode culminar o projeto ideológico. Vale ressaltar o fato de que, os modos de produção e reprodução das relações sociais se comportam com grande importância, visto que, no decorrer no questionamento do que é ideologia, fomentar uma ideologia é algo racional e extremamente ponderado, em que dessa forma a dominação seja um véu sublime que encarregue na subordinação do sodalício, podendo assim, abranger uma totalidade de segmentos para que essa ideologia seja concretizada de forma coletiva e universalizada. Falar da formação dessa ideologia de opressão advem de uma amplitude de olhares. A partir de Joan Scott, em que:

“o gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais”: a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. (...) Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens”

Esse aspecto supra citado, formaliza a concepção de que no âmbito social o gênero influencia a vivência, em qualquer que seja sua cultura ou ideologia, o gênero sempre será uma “divisão” e separação no sodalício. É importante discutir sobre esse sistema social enfatizando que do mesmo modo que o ato perpetua em diversas locações, ele pode se apresentar de jeitos diferenciados como de formas abusivas fisicamente ou de modo moral. A moral podendo ser considerado uma abordagem por algumas vezes mais grosseiras, como insinuações em ambiente de trabalho e além de assédios nas ruas. De forma oral, a qual muitos até mesmo machistas abordam a mulher com palavras de baixo calão diminuindo a própria com a concepção da mulher como objeto de sua posse. A submissão e a orientação de modos que a sociedade implica afetando a vida de modo pessoal e de uma maneira até mesmo mais ampla, por afetar sua relação social em si.

O surgimento dessa definição em torno dessa ideologia, veio por uma percepção histórica, a qual tratando em suma da mulher como objeto. A objetificação se trata da utilização de algo como objeto, nesse aspecto viabiliza a utilização da mulher como objeto das diversas formas, entretanto com as mulheres ao se referir dessa demarcação se alega no quesito da utilização do corpo. Atividades práticas diárias, são fáceis de ser viabilizada, como propagandas de cerveja, a qual fazem a utilização do corpo como atrativo da sua campanha publicitaria. Não só nos aspectos atuais com as campanhas, mas assim como a construção da ideia patriarcal ao longo dos anos, fez com que a abstração da mulher como submissa ao homem, fosse consolidada, pois “A sociedade do início do século XXI entendia o homem como provedor e a mulher como dependente dele” (Lima, 2016), dessa forma pode-se assentar uma configuração que é utilizada até os dias atuais, entretanto se contradizendo no século XXI por questionar a atuação da mulher, pois a construção dessa ideia não condiz com a realidade, por fatores como a mulher ter a mesma capacidade de um bom desenvolvimento no âmbito trabalhista tão quanto o homem, visto que sexo ou gênero não determina a capacidade de pensar de alguém.

O patriarcado vigente é uma subordinação, a mulher foi tornada alguém que deve aceitar a imposição masculina, machista e patriarcal. Ela é obrigada por meio da sociedade, em gerir obediência e apenas consentir.

Esse modo racista e capitalista impõe uma formalização de mulher como alguém dependente e desprovida de qualidades que os homens possuem. Essa esfera abrange fortalecer a ideia da mulher como vítima desse sistema opressor, a qual para ela se atribui adjetivos de reprodutora, dona de casa e moça de família, assim, limitando a potencialidade da mulher ainda no século XXI.

A conquista para desmistificar esse fato, é uma batalha constante, a exemplo das primeiras mulheres que atuaram diretamente com o trabalho sendo fora de casa, foi perante o período da II guerra mundial, a qual por necessidade acabaram tendo que engrenar no mercado de trabalho, consequentemente foi uma das primeiras formas de empoderamento feminino no mundo, pelo fato de proporcionar de certa forma uma independência financeira, que mesmo com a atuação obtendo retorno de remuneração inferior ao masculino, já se tornara a partir daquele instante um início promissor.

Quando se fala da sonegação de alguns tipos de insinuações e perseguições, é quando as próprias mulheres chegam ao um ponto de submissão tão fluente do dia a dia e rotineiro que gera a percepção de conformismo da sublimação do patriarcado fomentado ao longo dos anos. A intimidação gerada por carregar a necessidade de reprodução e associação de realizar as necessidades masculinas, causa de certa forma, a repressão social da mulher, fazendo com que perca seu próprio individualismo. Com base em Heleieth Saffioti, se reflete na “A diferenciação social entre os papéis femininos e masculinos, papéis esses que se convertem em desigualdades hierárquicas entre homens e mulheres.” Ou seja, a posição hierárquica pressuposta pela sociedade sofre influência direta no quesito do ‘lugar’ social pertencente a mulher. A perspectiva feminista Heleieth Saffioti, é uma das correntes teórica que mais orienta os trabalhos sobre violência contra as mulheres. Nas palavras de Saffioti, “O patriarcado não se resume a um sistema de dominação, modelado pela ideologia machista. Mais do que isto, ele é também um sistema de exploração. Enquanto a dominação pode, para efeitos de análise, ser situada essencialmente nos campos político e ideológico, a exploração diz respeito diretamente ao terreno econômico”. O principal beneficiado do patriarcado capitalista é o homem rico, branco. A ideologia machista, na qual se sustenta esse sistema, socializa a submissão de obediência para com as mulheres, definindo por meio do gênero, a sua intitulação de ser macho, o homem já tem suas funções direcionadas, sendo ela essa ideia fomentada, a qual diminui a mulher, pois essa ideia se agrupa com o sentido de suprir as necessidades masculinas.

Uma educação ideológica construída ao longo dos anos a qual deve haver um real desmonte. Para Saffioti, as mulheres se submetem à violência não porque consentam, elas são forçadas a ceder porque não têm poder suficiente para consentir, é uma construção histórica e marcada na sociedade, a qual essa construção ideológica só é fortificada socialmente e para quem é direcionada só oprime cada vez mais a sua individualidade e sua vida em conjunto.

Uma pergunta relevante seria qual o motivo para o parecer dessa imposição? Além do questionamento em que o homem recria a imagem da mulher como objeto a qual é de sua posse, por motivos já esclarecidos a cima, fatores de culpabilização da mulher são constatados, como o fato de que a ordem social é que sejam excelentes donas de casa e que agradem seus maridos. As respostas para essas indagações são tamanhas, pois os motivos citados anteriormente não condizem com a ação. Pelo fato da opressão e reclusão, induzindo para naturalização dessa ideologia violenta e exclusiva, transmitindo insegurança no dia a dia da mulher. É válido enfatizar que vem a ser de importante intermédio na sociedade são os meios inerentes a mídia. Os meios de comunicação digitais podem estimular ou não esse modo de ser pressuposto socialmente. O apoio em conjunto faz com que ajude a superar traumas, esses meios são de certa forma os mais acessíveis e os que têm capacidade de maior alcance no social, por isso a importância de ser bem utilizado é notável.

Conclusão

O artigo ressalta a luta diária da mulher por igualdade, além de exaltar suas conquistas o texto se predispõe a dizer que é preciso ir mais longe. A mulher ainda é tratada como um ser objetificado, que ferem todas, colocando que o homem é socialmente dominante. E se sente confortável para cometer esses delitos, passando-se ao longo do tempo a ser tratado como normal. Aplicado no cenário do espaço público, o texto discute o isolamento das mulheres no corpo social, tal concepção evidencia a sublimação cultural patriarcal sobre os corpos femininos, devido à ideia de superioridade biológica masculina, acerca de suas influências nas relações sociais. Essa cultura é inserida em várias áreas da sociedade.

Abordando em sua totalidade uma sistematização a qual trouxe perspectivas oriundas da formação da mulher no cenário social, uma desmistificação foi atuada pelo fato de que a formação inicial de objetificação ter sido realizada no século passado. Logo ao desenvolver o trabalho, foi exposto que são extremamente preocupantes, essa imposição social para as mulheres.

A total ideia de posse do corpo da mulher para o homem é agudamente contestável, causando inquietação não só das mulheres, mas também dos homens, pois a grande maioria tem o pensamento da objetificação da mulher, entretanto já existe uma quantidade considerável que retrai esse pensamento que pode ser considerado até mesmo primata, e que dessa forma atuam em conjuntura para cessar esse sistema.

A participação do privado e público deve existir na intervenção dessa impertinência, viabilizar na contribuição do combate se torna instigante para não ser uma luta solitária da parcela feminina. A relevância como contribuição acadêmica e social que o artigo incita, é o questionamento de como está a situação da mulher na sociedade, muitas vezes oprimidas, declinadas e culpabilizadas por atos que não se deve obter a real culpa, e não se tratando de pequenas atitudes e sim de ações que deixam marcas por toda uma vida, pois ser objetificada e oprimida diariamente e achar que isso é correto também se encaixa no erro. A mudança dessa forma de pensar deve ser pertinente, em razão que não só as mulheres em específico, mas ninguém deve passar por essa situação. E da mesma forma que o artigo funciona como um alarmante da atual situação, sua funcionalidade ocorre no mostrar que existem meios de tentar lidar.

Finalizo apoiando todas as mulheres a lutarem por seus direitos e que não se sintam oprimidas diante desse fato, é visto o quanto é difícil ser mulher no Brasil, entretanto não se pode calar-se, não se pode ter medo que ninguém apoiar essa mudança, não sinta vergonha pois você que é a vítima desse sistema e não se culpe.

REFERÊNCIA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR: 1052: Informação e documentação: Citações em documentos.** Rio de Janeiro. 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR: 6022: Informação e documentação: Artigo em publicação periódica.** Rio de Janeiro. 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR: 6023: Informação e documentação: Referências.** Rio de Janeiro. 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR: 6028: Informação e documentação: Resumo.** Rio de Janeiro. 2003.

CAJUEIRO, Roberta Liana Pimentel. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos: Guia prático do estudante.** 3.ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2015.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia.** São Paulo: Brasiliense, 2008.

CIRQUEIRA, Caroline Santos. In: p.9. **O CORPO FEMININO E SEUS PARADOXOS: DA BUSCA PELO CORPO IDEAL AO ASSÉDIO SEXUAL.** 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/rwQkSg>> . Acesso em: 25 out.2017 as 14h42min.

DAIE, Fábio Salem. **“Cultura e grau zero da ideologia”.** Le Monde Diplomatique. Jan, 2016.

FIGUEIREDO, de Candido. Significado de Assédio. Dicionário Aurélio. Disponível em <<https://goo.gl/cRNH3c>> . Acesso em 26 out. 2017 as 23h53min

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Ed.). Gráfica da UFRGS. Direção geral de Sara Viola Rodrigues. Disponível em: <<https://goo.gl/KfMNCj>>. Acesso em: 25 out.2017 as 15h45min.

LIMA, Iana Alves da. **O que é objetificação da mulher** por. Politize, 11 fev.2016. Disponível em: <<https://goo.gl/cS6dEL>>. Acesso em: 23 out. 2017 as 17h07min.

MACHADO, Livia. **Casos aumentam. Mas estupro ainda é crime subnotificado.** G1SP, São Paulo, 2 set.2017. Disponível em: <<https://goo.gl/RSAQZP>>. Acesso em: 26 out.2017 as 12h26min.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Silva Helena. **Famílias e patriarcado: Da prescrição normativa à subversão criativa.** < <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a07v18n1>> Acesso em: 28 de maio 2018 as 21:32.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo, 2011.



SANTOS, Cecília Macdowell; IZUMINO, Wânia Pasinato. **Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil**. 2005. *Disponível em:* <file:///C:/Users/Heloisa/Downloads/482 1850-1-PB.pdf>. Acesso em: 30 de maio.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99